



## PERFIL DOS FEIRANTES E ASPECTOS GEOHISTÓRICOS DE COMERCIALIZAÇÃO DA FEIRA LIVRE DE LEIRIA - PORTUGAL <sup>1</sup>

BERNARDINO, Virgílio Manuel Pereira <sup>2</sup>

### RESUMO

Consideramos que para a compreensão da dinamicidade e funcionamento do espaço urbano é de fundamental importância o entendimento das atividades econômicas presentes nele. O objetivo deste trabalho é apresentar alguns resultados de pesquisa referentes ao perfil dos feirantes das feiras livres de Leiria (Portugal), inserindo-as numa perspectiva de possibilidades locais de comercialização, as quais podem ter seu espaço ameaçado diante do avanço das grandes superfícies de varejo. Consta nos anais do Município de Leiria, que outrora protagonistas, as feiras serviam como oportunidade de abastecimento de produtos do comércio local, como festa e onde as moças compravam o seu enxoval. A recomposição e renovação das pequenas economias no período da globalização assume papéis particulares em cada espaço urbano. Atualmente, verifica-se que a preocupação primordial do trabalhador feirante está relacionada à própria sobrevivência e não necessariamente à obtenção de mais-valia. Assim, apresentamos a feira de Leiria e o perfil de seus feirantes como uma das expressões de centralidade exercidas por esta atividade, que podem explicar os efeitos do estreitamento da relação local-global na relação cidade-campo.

**Palavras-chave:** Feira livre; Perfil do feirante; Trabalho familiar; Leiria-Portugal.

### ABSTRACT

We believe that for understanding the dynamics and functioning of urban space is fundamental understanding of economic activities present in it. The objective of this paper is to present some research results concerning the profile of the fairground fairs Leiria (Portugal), placing them in the perspective of local marketing opportunities, which could have threatened their space before the advancing retail superstores. Appear from the records of the municipality of Leiria, who once protagonists, fairs served as an opportunity to supply products to local shops, as party and where the girls bought her trousseau. The restoration and renovation of small economies in the period of globalization assumes private papers in each urban area. Currently, it appears that the primary concern of the worker marketer is related to survival and not necessarily to obtain added value. Thus, we present a fair and Leiria profile as one of your fairground expressions centrality exerted by this activity, which may explain the effects of narrowing of the local-global relationship in the city-countryside.

**Keywords:** Fair free; Profile marketer; Family work, Leiria, Portugal.

<sup>1</sup> EIXO TEMÁTICO: Produção do espaço urbano.

<sup>2</sup> Doutorando em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) e professor da Universidade Estadual do Paraná (FECILCAM), Brasil. E-mail: Virgilio\_fecilcam@yahoo.com.br. Bolsista da CAPES-Processo nº 8818-11-8.



## 1. INTRODUÇÃO

As feiras livres são eventos itinerantes e temporários, que reúnem, no Conselho de Leiria (Portugal), um “grande número” de feirantes e consumidores, que se apropriam dos espaços públicos (ruas, praças, estacionamentos, etc.) nas cidades a fim de comercializar e consumir. Trata-se de um espaço, uma paisagem, um lugar, e porque não dizer, um território (temporário), que permite o encontro do campo com a cidade, do velho e com moderno, do comércio com a “festa” / sociabilização. Estas atividades econômicas constituem-se em um dos comércios mais antigos da humanidade que contribuíram significativamente para o surgimento e desenvolvimento do capitalismo.

De origem pouco conhecida, as feiras floresceram na Europa durante a Idade Média e protagonizaram o desenvolvimento das cidades no chamado renascimento comercial observado durante o século XIII. Na medida em que a produção agrícola foi ganhando sofisticação nos feudos, o excedente passou a ser comercializado nas cidades durante as feiras. As trocas comerciais possibilitaram a padronização dos meios de troca e atuaram de maneira decisiva na superação do modelo feudal.

Inicialmente realizadas em áreas onde, estrategicamente rotas comerciais se cruzavam, as feiras ainda estimularam, nas cidades, a criação de uma estrutura bancária que regulasse o câmbio e a emissão de papel-moeda.

A feira é entendida neste estudo, como um mercado periódico, de levante. Ou seja, os mercados periódicos configuram-se pela sincronização espaço-temporal da atividade mercantil, onde os dias de funcionamento de cada feira encontram-se articulados ao das demais numa relação de tempo e espaço, englobando mobilidade circulatória periódica e sincronizada de feirantes e consumidores de um determinado mercado. Deste modo, feirantes e consumidores se reúnem a cada dia em um determinado nó do espaço geográfico, para onde convergem os consumidores, geralmente de áreas mais próximas (Corrêa, 1994).

Conforme Derruau (1982:82), “A feira é um mercado periódico que é acompanhado sempre mais ou menos por uma atmosfera de festa”. Ao examinarmos o Dicionário Básico Latino-Português (Bussarello, 1998, p. 94), apresentou “feira” como derivação do latim “feriae”, que significa “dias feriados, festas”.

A Lei portuguesa conceitua feira como “evento autorizado pela respectiva autarquia, que congrega periodicamente no mesmo espaço vários agentes de comércio a retalho que



exercem a actividade de feirante” e, feirante como “comerciante de retalho que exerce esse comércio de forma não sedentária em mercados e feiras”.

Nesse ínterim, as feiras constituem em um dos feitos mais importantes da organização econômica da Idade Média. Surgidas da necessidade de promover a troca de produtos entre o homem do campo e o da cidade, elas representam o ponto de encontro entre o produtor e o consumidor, o ponto onde se concentrou a vida mercantil de uma época em que a circulação de pessoas e das mercadorias era dificultada pela falta de comunicações, pela pouca segurança das jornadas e pela demasia de portagens e peagens (Rau, 1983: 33).

Contemporaneamente, e semelhante à séculos atrás, as trocas nas feiras ainda são realizadas por sujeitos de diferentes lugares, com seus diversos produtos. A mobilidade de feirantes e consumidores para a efetivação das trocas é uma das características destes eventos itinerantes. As feiras reciclam os espaços geográficos, lhes dão múltipla funcionalidade, possibilitando a sobrevivência dos pequenos produtores, pequenos comerciantes, ciganos e prestadores de serviços, que oportunizam também a concentração e circulação de clientes no comércio circunvizinho ao lócus de trocas. Nestes lugares estratégicos são realizadas as feiras.

Quanto à caracterização do problema, sabemos que atualmente as feiras são cercadas por dificuldades, ameaças, conflitos e dúvidas, características da era da globalização, que exigem aptidões dos feirantes para superar as constantes dificuldades. Ressalta-se o papel da feira como dinâmica específica, fruto do acúmulo de processos singulares que se desenvolveram a partir de crises originadas de diferentes tempos (Harvey, 1992). São estas diferenças temporais que caracterizam a produção e reprodução do espaço, já que representam a acumulação desigual de elementos tradicionais e modernos, resultando numa cristalização diferenciada de signos.

Para alcançar os objetivos adotamos, quanto à metodologia de pesquisa, o critério quantitativo-qualitativo. Apoiados em leituras, entrevistas a feirantes e mapas temáticos, desejamos contribuir para o conhecimento do universo das feiras e, em particular, da feira de Leiria, na manutenção do tecido social urbano. Assim, apresentamos a feira de Leiria e o perfil de seus feirantes como uma das expressões de centralidade exercidas por esta atividade, que podem explicar os efeitos do estreitamento da relação local-global na relação cidade-campo.





## 2. DESENVOLVIMENTO

Os dados desta pesquisa foram coletados na Feira de Leiria - Portugal, que ocorre às terças-feiras e sábados no estacionamento do Estádio Dr. Magalhães Pessoa, na área urbana da cidade de Leiria. Os inquéritos foram aplicados a 53 feirantes de Leiria (de um universo de 230 feirantes cadastrados na Prefeitura), nos meses de novembro a dezembro de 2012.

O Concelho de Leiria se localiza ao norte de Lisboa – Portugal e é composto pelo município de Leiria e suas Freguesias.

A cidade de Leiria é a capital do distrito e encontra-se a 39°47'07'' de latitude Norte e 0°18'08'' de longitude Leste, tendo uma altitude máxima de 113m (no castelo). Ocupa uma posição privilegiada no espaço geográfico português, sendo local de passagem entre as mais importantes cidades do país: o Porto, ao norte, e Lisboa, ao sul. Também está ligada a outras cidades menores e ao litoral Atlântico. Encontra-se próxima a Fátima, lugar de relevância religiosa, para onde se deslocam grande número de romeiros.

Se referindo à localização geográfica, Margarido (1988) coloca que

[...] o centro urbano é um importante nó viário resultante do cruzamento de algumas das principais estradas do país. Aí se cruzam e sobrepõem as EN n. 1 – a mais importante estrada nacional – e as EN n. 109, n. 242 e n. 113. A EN n.1 passava outrora pelo centro da cidade; hoje, a ligação entre a cidade e esta estrada é feita por uma via de acesso, canalizando-se, deste modo, o tráfego para a periferia. Este facto trouxe o descongestionamento do próprio tecido urbano. (MARGARIDO, 1988, p. 25)

Além disso, a Cidade também é cortada por estrada de ferro, colaborando como importante meio de comunicação entre diversos lugares de Portugal.

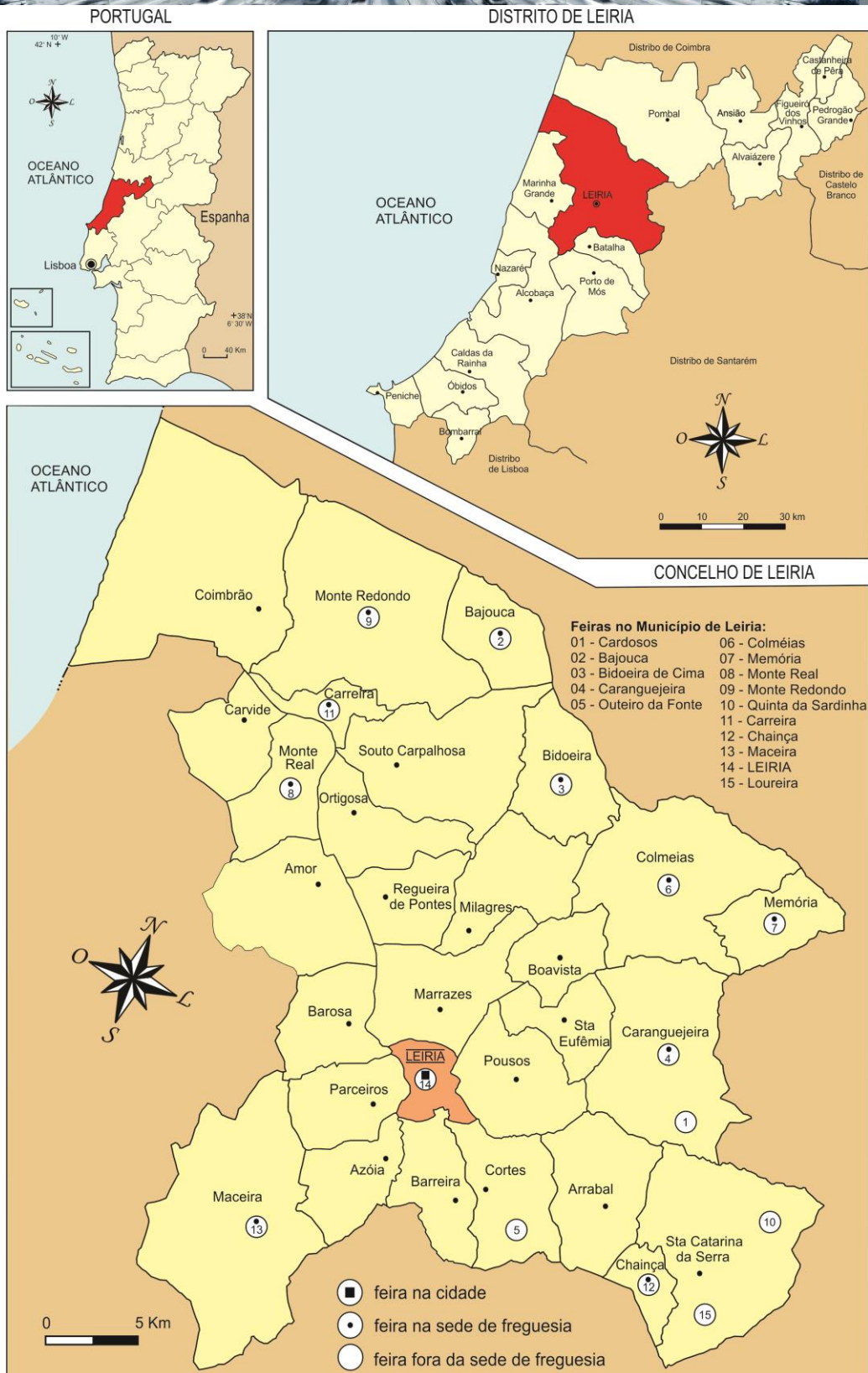
Portanto, o espaço urbano de Leiria era relevante centro econômico redistribuidor dos excedentes produzidos.

Conforme documentos da Câmara Municipal de Leiria, no mpa a seguir, a relação das feiras realizadas no concelho de Leiria. (figura 1)

# SEURB

## II Simpósio de Estudos Urbanos:

A dinâmica das cidades e a produção do espaço



Base cartográfica: ANAIS DE LEIRIA  
 Fonte: Câmara Municipal de Leiria - setor de feiras e mercado (2012)  
 Org.: BERNARDINO, V. M. P.

**Figura 1: Localização das Feiras Livres no Concelho de Leiria (Portugal)**





A pesquisa se utilizou de procedimentos metodológicos de várias naturezas. Foram feitas consultas a fontes de dados secundárias, como livros, dissertações e teses, artigos, revistas, *sites* na *Internet* e trabalho de campo.

Para tanto, nos apoiamos em entrevistas, semi-diretivas, com entrevistas rápidas a personagens chaves. As entrevistas com questionário nortearam a problemática inserindo-a para dentro da pesquisa.

Tendo por base o materialismo histórico, pretendemos em nossa abordagem identificar as ideologias e a natureza dialética dos fenômenos sociais subjacentes às práticas espaciais e, deste modo, ressaltar a forma como as contradições se verificam no contexto da criação e da reprodução sócio-espacial.

As feiras livres de Leiria, não podem compreender-se pela análise dos padrões em si mesmos, mas pelo estudo dos processos sócio-econômicos que as compõem. Estas forças comungam do “modo de produção dominante, da forma pela quais as mais-valias do capital circulam, se concentram e são utilizadas no espaço, e pelas contradições do capitalismo que necessitam da contínua reestruturação do processo de acumulação.” (BARATA SALGUEIRO; CACHINHO, 2009, p.28)

A análise estatística e a síntese gráfica e tabular dos dados foram executadas com o programa “Sphink Plus Léxica”. Assim, a partir das entrevistas qualificamos as informações afetas às perguntas feitas. Transcrevemos as entrevistas onde, na seqüência, se utilizou o “software Sphink Plus Léxica” que possui características quanti-quali.

Transcrita a entrevista e inserida no programa, este organizou as palavras mais utilizadas revertendo-as em dados quantitativos que demonstraram, estatisticamente, a maior incidência de determinada palavra ou frase tabulada, permitindo uma análise das respostas dadas pelos entrevistados.

Na aplicação do questionário, nos pautamos nos seguintes cuidados: que não se identifique o feirante; que seja um instrumento de coleta de dados auto-aplicável; que as perguntas sejam universais, ou seja, que os dados delas resultantes sejam de interesse da comunidade, de outros pesquisadores e do poder público; que as perguntas relativas à classificação geoeconômica sejam de fácil resposta no momento da aplicação do questionário, sem necessidade de consulta à família.

A metodologia adotada privilegiou as entrevistas “*in loco*”, pois são as indicadas para o levantamento das características geoeconômicas dos feirantes, bem como o levantamento de



sua história. A partir dos questionários foi possível caracterizar os feirantes e o papel das feiras livres na cidade de Leiria. Procuramos conhecer, por exemplo, se desempenham de outras atividades fora das feiras livres; há quanto tempo o feirante está na atividade; o desempenho e evolução da atividade. Buscamos identificar, a partir das declarações dos feirantes, quem são os seus principais concorrentes, os melhores dias de trabalho, e a sua opinião sobre os custos de transportes, empregados e impostos, entre outros itens. As entrevistas seguiram um roteiro previamente elaborado, no sentido de captar o universo dos feirantes, com o objetivo de evidenciar seus problemas e aspirações. Também se deseja vincular a esta importante atividade (a feira livre), a economia solidária, uma vez que as feiras livres configuram-se como importante estratégia de comercialização, espaço de trocas solidárias, de venda direta e rodada de negócios, que permitem por um lado viabilizar os produtos comercializados da economia solidária, como também resgatar as relações personalizadas entre os produtores e consumidores, buscando consequentemente favorecer a fidelidade do consumo dos produtos e serviços da produção familiar.

## 2.1 Aspectos geohistóricos e sociais da Feira de Leiria (Portugal)

Consta nos anais do Município de Leiria, que as feiras serviam como oportunidade de abastecimento de produtos do comércio local, como festa e onde as moças compravam o seu enxoval.

A lei portuguesa (Decreto-Lei n.º 339/85, de 21 de agosto de) define feirante como aquele que exerce “comércio de forma não sedentária em mercados descobertos ou em instalações não fixas ao solo de maneira estável em mercados abertos”. (ROUSSEAU, 2008. p. 58)

O foral de 1142 dado pelo Rei Afonso Henriques ao povoado, não se referia às feiras, mas apenas aos “comerciantes locais que iam vender os artigos do seu comércio a outros povoados” e nesse foral, ainda se lê: “Mercador de Leiria não pague portagem nas terras do Rei”.

A Feira de Leiria foi criada em 1295 (Anais do Município de Leiria, p. 15) pelo Rei D. Dinis, ao mesmo tempo em que a de Vila Flor, Alvito, Cernacelhe e outras.

A carta da sua criação, assinada pelo Rei diz:



## CARTA PER QUE EL REY MANDOU FAZER FEYRA EM LEYREA

Dom Denis pela graça de Deus Rey de Portugal e do Algarue a quantos esta carta vyrem faço saber que eu mando fazer feyra na vila de Leyrea e que a comecem a fazer sete dias ante Sancta Maria de Agosto e dure per quinze dias compridos e todos aqueles que veerem a essa feyra per razom de vender ou de comprar sejam seguros dida e de vijnda que nom sejam penhoradas em meu reyno per nenhuma deuyda en aqueles oyto dias em que veerem a essa feyra e en aqueles quinze dias en que durar essa feyra e en aqueles oyto dias que pymeiro veerem depouys que sayr a dicta feyra se non por deuyda que for feyta eessa feyra e que nenguu non tema vijr a essa feyra por esto dou esta mha carta que a tenham os almazijs dessa vila de Leyrea en testemoyo.

E ponho tal encontro sobre aquesto que quem quer que mal fezer aaquele que a essa feyra veerem pectem a mjm sex mil soldos e dobre aquilo que filhar a seu senhor e todos aqueles que veerem a essa feyra com sas merchandias paguem a mim mha portagem e todos meus directos que deuerem a pagar dessa feyra. En testemoyo desto dey ende ao concelho e aos almazijs dessa vila de Leyrea esta carta.

Dant en Leyrea pristumeyro dia d Abril. El Rey o mandou pelo Chanceler Francisco Eans a fez.

Era de mil e trezentos e trijnta e tres anos. (Anais do Município de Leiria, 2010, p. 15)

Para a historiadora Virgínia Rau (1983),

A carta de feira dada por D. Dinis a Leiria encontrava-se precisamente como a de Moncorvo, no Livro I da Chancelaria de D. Dinis, de que faltam os fols. 112 a 135, e que abrangiam os registros de janeiro de 1284 a junho de 1285. Como sucede para Moncorvo, nada podemos saber desta primeira feira de Leiria senão que foi instituída entre essa duas datas limites, segundo informa o índice do dito livro I da Chancelaria de D. Dinis. Uns dez anos depois teve Leiria carta de feira anual, dada também por D. Dinis, no último dia de Abril de 1295. Devia começar sete dias antes de Santa Maria de Agosto e durar quinze dias. Esta nova carta é em tudo semelhante às do tipo da Covilhã. Em meados do século XV fazia-se em Leiria um feira todos os domingos, mas os ódios e malquerenças que a sua realização dominical fazia eclodir, levaram Dom Gomez, Prior de Santa Cruz e Coimbra, a proibi-la sob pena de excomunhão. Logo o contador e os rendeiros das sisas se insurgiram contra tal ordenação que prejudicava as rendas da feira. Foi necessária a intervenção de D. Afonso V para remediar o alvoroço, e por carta régia de 10 de Julho de 1453 passou a feira a fazer-se à terça-feira, 'E nom ao domjngo por que assy ho auemos por seruiço de deus E nosso E por prouieio comum por saluaçom de todos'. (RAU, 1983, p. 123 – 124)

No século XVI, por influência do desenvolvimento da devoção a Nossa Senhora da Encarnação, que atraía multidões vindas de longe, formou-se, em março, uma nova feira em





Leiria, aumentada com feirantes de agosto, que tinham naquela romaria maior número de compradores.

Com o tempo, desapareceu a feira de agosto, ficando só a de março. Em 1964, em virtude de sempre chover muito nessa época do ano, a feira anual de Leiria foi transferida para maio, realizando-se até hoje nesse mês.

Sabe-se que a realidade de cada lugar e da formação de cada feira livre resulta das vicissitudes porque passaram as feiras de cada localidade, as quais têm de ser vistas de forma interconexa, tornando o seu estudo mais complexo. Na realidade, são muitos os casos de feiras livres que desaparecem com maior ou menor tempo de vida, enquanto outras modificam sua legislação ou reaparecem mais tarde.

A ocupação do espaço público significa a forma como o homem interioriza a imagem desse espaço e como age, reage e o interpreta e que se apresenta, fundamentalmente, nas relações que os indivíduos mantêm com este. A luta dos feirantes pela ocupação do espaço público depende da avaliação que estes fazem do espaço, quanto à importância estratégica para sua atividade comercial. De fato, apropriar-se significa tomar para si, tendo um propósito a ser alcançado.

Nas últimas décadas, as ruas se fecharam e se transformam em centros comerciais, shoppings, hipermercados, entre outras atividades econômicas praticadas em grandes superfícies, espaços particulares (fechados) e com consumidores restritos. Detentores de uma organização e estrutura complexa com elevados investimentos, as grandes superfícies comerciais se alargam em Leiria, demonstrando força e concentração financeira e comercial, avançando sua hegemonia sobre o espaço urbano, em detrimento do pequeno comércio familiar, que se insere neste modo de produção capitalista, no contexto do capitalismo global.

Como coloca Rocha (1998),

No processo de produção-reprodução capitalista, a concentração-centralização do capital, sua reprodução ampliada, elimina ou incorpora os capitais de menor magnitude, estabelecendo o controle do mercado. A competitividade do produto comercializado no mercado local é baixa. A opção do consumidor é se deslocar para mercados que apresentem maior competitividade, maior diversidade de produtos e melhor preço. Deve-se considerar, também, o rito que se estabelece para a ida às compras na metrópole regional. Compras mensais de produtos domésticos até a compra de bens duráveis de maior valor. Este fenômeno apresenta uma importante dimensão de mobilidade que incorpora aspectos da mobilidade física no que



tange à circulação e consumo no circuito produtivo capitalista (ROCHA, 1998, p. 137).

A feira é resistência, produto e efeito de um processo que formata o consumidor e molda o espaço-tempo de acordo com interesses do modo de produção capitalista. Todavia, a feira livre, escapa ao controle dos exímios planejadores dos interesses capitalistas (desejosos pelo seu fim), que incapazes de dissolver os efeitos de suas práticas econômicas, contribuem para as desigualdades sociais, espaciais e temporais resultando em lutas de classes.

Tomamos assim as representações sociais no sentido materialista e dialético, como âmbito de um embate sógnico, entre discursos, entre grupos sociais, numa sociedade e num território historicamente determinados. A representação, enquanto uma enunciação do objeto, e, no plano mais geral, uma apropriação simbólica da realidade, tem poder de conduzir as ações, de influenciar decisivamente a dinâmica socioespacial e também por ela se influenciar. Razão pela qual sempre se configurou como âmbito discursivo almejado, disputado. (MASCARENHAS, 2009, p. 162)

Verifica-se então a ordem que se estabelece com as representações dominantes que alimentam e (re)afirmam a “verdadeira” ordem da cidade: a hegemônica. A automação é o modo “civilizado” e moderno de ocupar a rua. Na maioria dos casos o Poder Público investe na sociedade das ruas, (re)produzindo os interesses das classes dominantes. Mascarenhas (2009), completa, “para intervir com autoridade, produz um discurso ‘competente’, que num primeiro momento cria e idolatra a feira livre, [...] para mais adiante a perseguir, como território de ilegalidades, atraso, sujeira, desordem”. (MASCARENHAS, 2009, 162)

Em Leiria, verifica-se uma forte tendência à descentralização comercial, com a presença de um grande shopping center: o Leiria Shopping. Este reforça os interesses dos grupos empresariais, que se ajustam incessantemente sobre o espaço comercial urbano, garantindo grande diversidade de produtos no mesmo lugar, além de outras facilidades de comercialização (PINTAUDI, 1999, p.155).

Em contrapartida, verifica-se o realojamento, a apropriação do espaço público pelos feirantes, numa insurreição do uso (SEABRA, 1996), ocupando o estacionamento do Estádio de Leiria, apesar de como coloca Rau (1983), a feira estar intimamente relacionada à legislação e sua aplicação.

Lembra Mascarenhas (2009), que à concepção dominante de ordem segregadora e funcionalista circulatória da rua se opõem o uso das camadas populares, que promovem outro sentido e significado ao espaço público.



Ressaltando o aparecimento do automóvel nos anos de 1950 e diminuição da importância da rua como espaço de socialidade, Mascarenhas (2009), coloca que

Todavia, este uso da rua como espaço de sociabilidade, de encontro popular cotidiano, estava com seus dias contados. A expansão automobilística brasileira iniciava naquela década de 1950 uma impressionante escala de crescimento, que alterou para sempre o conteúdo e a paisagem da urbanização brasileira. Um processo que resignificou a rua. (MASCARENHAS, 2009, 168)

Ao se intensificar, o automóvel mobiliza as feiras para ruas secundárias resignificando a rua que deixa de ser lugar de encontro, de trocas e de socialização para se transformar em espaço de mobilidade motorizada. A feira livre sofreu com as transformações decorrentes deste processo: “foi extinta em cidades como Buenos Aires (final da década de 1970), e minguou em diversas localidades, como Salvador (BA) e Fortaleza (CE)”. (MASCARENHAS, 2009, 172)

Assim, a feira livre representa uma apropriação do espaço público. É uma forma coletiva de uso do espaço público, que se contrapõe a modernidade automobilística, à segregação do espaço urbano e torna a cidade mais viva. O realojamento dos feirantes no espaço público é um processo essencial na luta pela sobrevivência da cidade, do espaço público como lugar de encontro, de convivalidade, festa e animação.

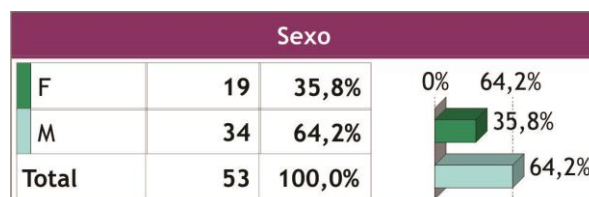
## 2.2 Perfil geoeconômico dos feirantes de Leiria

Estes dados resultam de trabalho de campo, realizado nos meses de novembro e dezembro de 2012, na feira de Leiria em Portugal. Os resultados aqui apresentados correspondem a 95% dos feirantes que aceitaram responder. O número de feirantes cadastrados corresponde a 230, mas, que fazem a feira com regularidade são aproximadamente 200. A maioria dos feirantes trabalha com produtos não alimentares: dos entrevistados apenas 19,6% vendiam hortaliças, frutas, etc e 80,4% comercializavam vestuário, calçados, utensílios domésticos, entre outros. Confundido como agente da ASAE (Autoridade de Segurança Alimentar e Económica em Portugal), alguns feirantes fizeram ameaças. Trata-se de um grupo de feirantes que podia estar comercializando produtos de contrafação ou de procedência duvidosa e, também estavam temerosos de terem que fornecer dados relativos à renda.





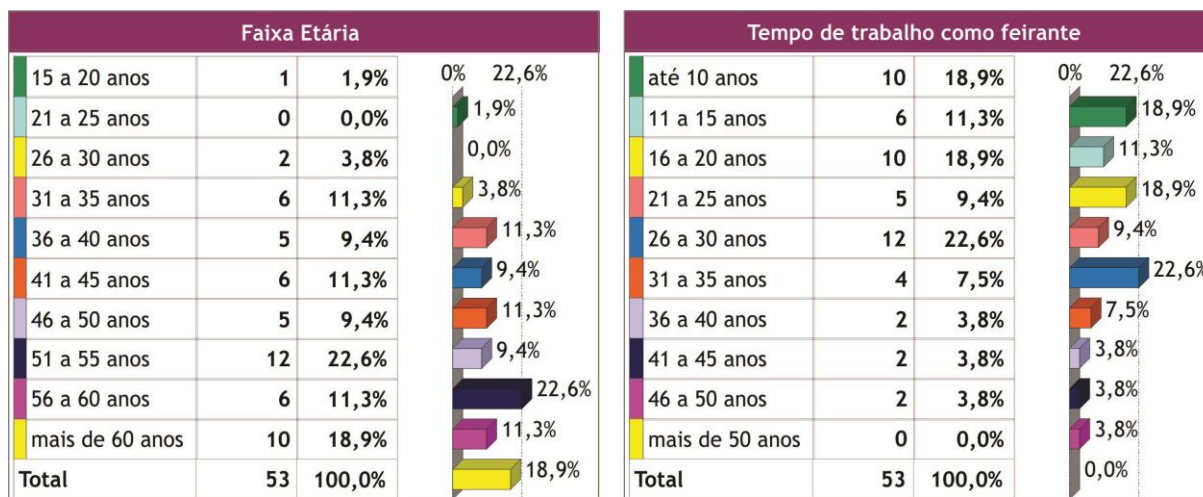
Ao analisar o número de homens e mulheres que trabalham neste setor, observou-se que os indivíduos do sexo masculino são maioria quanto ao cadastro junto à Prefeitura de Leiria (2012), no entanto, a participação feminina, no que tange ao funcionamento das barracas é superior à dos homens. Particularmente no trato direto com os fregueses as mulheres possuem maior paciência e desenvoltura quanto ao tratamento com os consumidores (figura 2).



Elaborado com SPHINX Brasil / NEMO – UEM, 2013  
Org. por: BERNARDINO, V. M. P.

**Figura 2: Feirantes de Leiria por sexo - 2012**

No que se refere ao levantamento e agrupamento de feirantes por faixa etária podemos destacar que a idade mínima encontrada foi de 20 anos. A idade máxima é de 80 anos. E relevante verificar que 52,8% dos feirantes possuem mais de 50 anos e aproximadamente metade deste número (18,9%), está com mais de 60 anos.



Elaborado com SPHINX Brasil / NEMO – UEM, 2013  
Org. por: BERNARDINO, V. M. P.

**Figura 3: Faixas Etárias e Tempo de trabalho dos Feirantes na Feira de Leiria - 2012**

No mapeamento dos dados, verificou-se que a comunidade de feirantes de Leiria é constituída por trabalhadores com mais de 10 anos de atividade (77,4%), formada majoritariamente, por adultos que têm na feira sua principal fonte de economia para sua



sobrevivência. Considerando que são reduzidas as barreiras à entrada no setor, as informações anteriores evidenciam que as feiras não estão atraindo novos investimentos. No entanto, com a crise portuguesa, em 2012, o desemprego e as dificuldades econômicas tem marcado a realidade da população que obrigou muitos a retornarem ao campo, para produzir o seu alimento e venderem o excedente nas feiras aumentando importância destas como canal de distribuição de alimentos e outros gêneros.

A situação conjugal, destes trabalhadores, revela o quanto o casamento é importante para sua vida pessoal e profissional. Dos entrevistados (as) 94,3% são casados.

Constatou-se que na Feira de Leiria 52,8% dos feirantes são do município de Leiria, seguidos pelos de Fátima que representam 5,7% dos entrevistados. Ressalta-se a significativa participação de ciganos. Atualmente, a presença de ciganos nas feiras portuguesas é motivo de insatisfação de alguns feirantes portugueses (incomodados com a concorrência) e de sucesso de consumidores, que nas feiras de Leiria, chegam a mais de 6000 frequentadores por feira, principalmente aos sábados e nas feiras de fim de ano. Alguns consumidores revelaram satisfação pela variedade de produtos (hortaliças, frutas, flores, lenha, tapeçaria, ferragens, sapatos, roupas, artigos de decoração, artesanato, animais vivos, barraca de alimentação, etc) e destacaram que os produtos comprados na feira são muito mais baratos.

Observou-se que na feira de Leiria 39,6% possuem baixo nível de escolaridade – primeiro ciclo - o que equivale, no Brasil, ao ensino primário, 24,5% tem o segundo ciclo ou terceiro ciclo (correspondente ao Ensino Fundamental). Apenas 11,3% possuem o ensino secundário (Ensino Médio, no Brasil) e nenhum entrevistado possuía curso universitário.



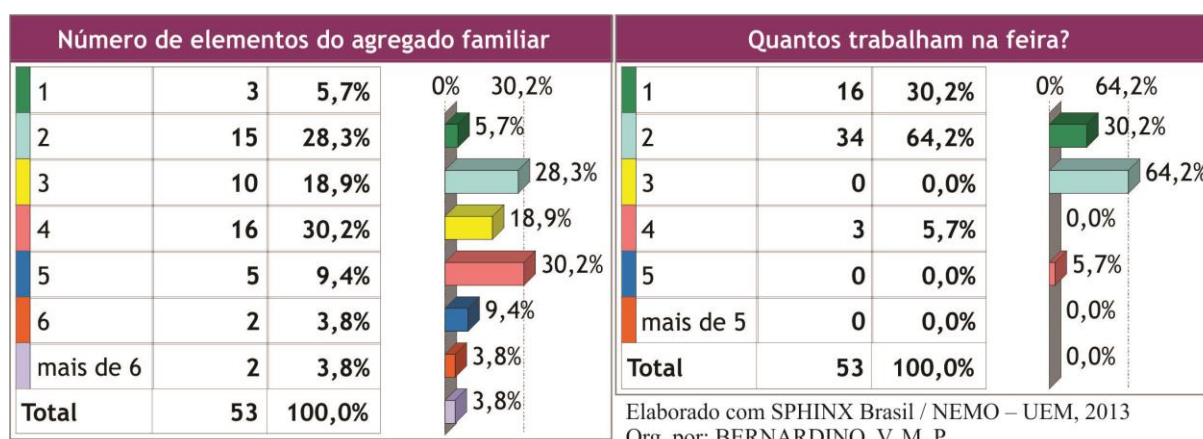
Elaborado com SPHINX Brasil / NEMO – UEM, 2013  
Org. por: BERNARDINO, V. M. P.

**Figura 4: Nível de Instrução dos Feirantes da Feira de Leiria - 2012**





A composição familiar dos feirantes foi um dado relevante deste estudo. Para 83,1 % dos feirantes o núcleo familiar é composto por até quatro pessoas, o que sugere uma baixa disponibilidade de mão-de-obra para as atividades de produção de hortaliças e frutas na propriedade (ver figura 5).



**Figura 5: A composição familiar do feirante de Leiria e a mão-de-obra familiar – 2012**

O município de domicílio do feirante está ligado diretamente ao exercício das suas atividades, pois 54,7% têm a sua residência no município de Leiria e possuem propriedade principalmente nestes lugares. De modo geral, os feirantes possuem residência no município onde se encontra a propriedade.

As propriedades rurais não são grandes, uma vez que 42,9% dos entrevistados têm propriedade com até 1000 m<sup>2</sup>, evidenciando características da produção familiar. Nessas propriedades a produção é quase que totalmente familiar, onde a família produz e comercializa seus produtos.

Por se tratar predominantemente de pequenas propriedades, como vimos anteriormente, há uma necessidade de se produzir produtos que são de primeira necessidade para o consumidor bem como possam ser produzidos a maior parte do ano. Com essas características encontram-se os legumes, verduras e frutas. Também há a comercialização de animais vivos como: coelhos, galinhas, perus, patos, pombos, passarinhos, etc. (figura 6)





Elaborado com SPHINX Brasil / NEMO – UEM, 2013  
Org. por: BERNARDINO, V. M. P.

**Figura 6: Produtos comercializados na Feira de Leiria – 2012**

Os feirantes de Leiria dedicam-se, em sua maioria, exclusivamente às feiras. Dentre os entrevistados muitos têm as feiras como sua única atividade. No entanto, há feirantes que exercem outras atividades, tais como agricultor, pedreiro ou, então, são proprietários de lojas comerciais, etc.

Na feira de Leiria, são poucas as bancas que contratam empregados. Verificamos que grande parte das bancas não utiliza os trabalhos de empregados. Ressalte-se que, mesmo entre aqueles que contratam (11,3%), a maioria conta com os serviços de apenas um empregado. A mão-de-obra é basicamente familiar, por isso 88,7% não possuem empregados. Fica com a família e seus membros a comercialização das mercadorias junto à feira. Os membros da família participam das vendas na maioria das bancas. Dentre as bancas que têm membros da família envolvidos no processo de comercialização, 94,4% têm a participação de um ou dois membros da família, geralmente o marido e sua mulher; nas demais bancas, a participação é de três ou mais membros da família nas vendas. Quanto ao pessoal envolvido nas vendas,



existe a participação do feirante proprietário e de mais um ou dois membros da família ou de funcionários. É reduzido o número de feirantes que trabalha sozinho.

Os feirantes apontaram mais de um problema enfrentado na Feria de Leiria: falta de dinheiro dos consumidores (19,7%), concorrência de supermercados (16,4%), crise econômica (11,5%), terrados caros (11,5%) – valor cobrado pela Prefeitura para que o feirante possa montar a barraca na rua –, entre outros.

Segundo SESSO FILHO (1999), existe a preferência crescente dos consumidores pela compra de hortigranjeiros nos supermercados. Estes investem na comercialização de hortigranjeiros, pois são responsáveis pelo retorno dos consumidores às lojas, uma vez que a frequência de compra de produtos perecíveis é maior que a de produtos não perecíveis.

Na avaliação dos feirantes entrevistados os principais concorrentes das feiras livres são os supermercados que, muitas vezes, fazem promoções de frutas e hortaliças no dia da feira.

Para Harvey (1990), “A capacidade para transportar as mercadorias de um lugar a outro define a mobilidade do capital em forma de mercadorias”.

Segundo Gasques (2000),

Constatou-se que a “modernização” do abastecimento tem levado a uma redução da participação dos feirantes na distribuição de alimentos. No caso de Maringá, os varejões, supermercados e hipermercados estão contribuindo para um movimento cada vez menor nas feiras (GASQUES, 2000).

O mais grave de todos os problemas, parece ser o relacionado à renovação dos feirantes. Muitos feirantes já se encontram com mais de 60 anos e colocaram que os filhos e parentes, mais jovens, não se interessam por dar continuidade à atividade, ameaçando a continuidade e existência deste universo sócio-cultural.

Os feirantes foram questionados sobre estratégias para melhorar o desempenho das feiras. Foram colocadas questões que trataram da organização dos feirantes, da negociação com os fornecedores, do perfil do consumidor e do apoio do poder público municipal.

Na opinião dos entrevistados, o apoio do poder público municipal, por meio de divulgação, organização das feiras, segurança e fiscalização é “importante” ou “muito importante” para a melhoria das feiras e do abastecimento.



Aqueles que pretendem continuar na atividade argumentam que a vida toda se dedicaram à feira e, por isso, não conseguiriam se adaptar em outras atividades.

Dos 53 entrevistados 49,1% afirmaram não acreditar no fim das feiras livres, 3,8% não sabem e 47,2% acreditam que a feira não tem futuro. Estes últimos assinalaram à concorrência dos supermercados como uma das prováveis causas do fim da existência das feiras livres.

Assim, se constatou neste perfil geoeconômico que os feirantes são principalmente homens com baixo nível de instrução e que obtém o seu sustento e de sua família, com os recursos conseguidos na feira livre.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Feira de Leiria desenvolve funções de distribuição de produtos, neste caso a mobilidade se apresenta como uma forma de trabalho, além dos feirantes, acaba oportunizando troca de informações através dos freqüentes fluxos de pessoas. Se tornando assim, dentro do sistema de feiras livres, um nó relevante na rede de comércio do Município e da região, auxiliando e controlando todo um processo de produção de capital, a partir das necessidades e condições que se encontram no cotidiano dessas pessoas. Neste sentido, esta Feira representa referência na oferta de alimentos, promovendo novos fluxos de feirantes entre diversas cidades da área de influência de Leiria.

Para Lefebvre (1991), o campo é lugar de produção, resultante de uma terra explorada pela cidade e vida urbana. “A vida urbana compreende mediações originais entre a cidade, o campo, a natureza” (LEFBVRE, 1991, p.68).

O perfil geoeconômico revelou um dado importante sobre a composição familiar dos feirantes. Para mais de dois terços dos feirantes (83,1%), o núcleo familiar é composto por até quatro pessoas, o que assinala uma baixa disponibilidade de mão-de-obra familiar para as atividades de produção de hortifrutigranjeiros na propriedade. Considerando que a atividade de feirante é essencialmente familiar, o reduzido número de membros da família envolvidos na produção de alimentos pode se constituir em fator de ameaça à existência da feira, em um futuro próximo. No entanto, atraídos pelos baixos preços, o número de consumidores que freqüentam as feiras de Leiria não para de crescer.

Assim, as feiras livres só terão fim se permitirem que as grandes superfícies de varejo influenciem os habitantes de sua área de abrangência. Vale ressaltar que, ao contrário da feira,





o supermercado é uma atividade para empresários que com seu poder econômico, criam grandes redes de distribuição que prejudicam economicamente e subordinam o feirante e o consumidor aos seus interesses. Neste sentido, as feiras livres são muito importantes como possibilidade de abastecimento de uma cidade. Também assume papel fundamental para o desenvolvimento humano e econômico na medida em que a partir dela é possível identificar as formas de organização espacial e as mudanças ocorridas, ao longo do tempo.

## REFERÊNCIAS

Anais do Município de Leiria, 2012 (documentos pertencentes ao concelho da cidade de Leiria)

BUSARELLO, R. **Dicionário básico latino-português**. Florianópolis: UFSC, 1998.

CORRÊA, R. L. **A Rede Urbana**. 3ª ed. São Paulo: Editora Ática SA. 1994.

DERRUAU, M. (1982). **Geografia Humana** (3ª ed., Vol. II). Lisboa: Editorial Presença.

GASQUES, V. **Fim de feira**. Correio Popular, Campinas, 28 maio de 2000. Dinheiro, p. 2.

HARVEY, David. La producción de configuraciones espaciales: Las movilidades geográficas Del capital y el trabajo in **Los límites Del capitalismo y La teoria marxista**. México: Fundo de cultura econômica, 1990, pág.: 366 a 415.

HARVEY, D. **A produção do espaço capitalista**. São Paulo: Annablume, 2005. p. 135.

LEFBVRE, H. **O Direito a cidade**. São Paulo: Moraes, 1991.

MARGARIDO, A. P. **Leiria: história e morfologia urbana**. Leiria: Câmara Municipal de Leiria. Leiria, 1988.

MASCARENHAS, G. **Negociando os usos e sentidos da rua: trajetória e representações da feira livre carioca**. In: CARRERAS, Carles; PACHECO, Susana Mara Miranda, organizadores. Cidade e Comércio: a rua comercial na perspectiva internacional. Rio de Janeiro: Armazém das Letras, 2009.

PINTAUDI, S. M. **A cidade e as formas do comércio**. In: CARLOS, Ana Fani A. (org.) **Novos Caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto, 1999. p. 143-159.

RAU, V. **Feiras Medievais Portuguesas: Subsídios Para O Seu Estudo**. Lisboa, Ed. Presença, 1983. 215 p.



ROCHA, M. M. **A espacialidade da mobilidade humana: um olhar para o norte central paranaense.** Tese (doutorado em geografia humana). Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998

ROUSSEAU, J. A. **Manual de Distribuição.** Estoril: 2ª Ed Principia, 2008.

SANTANA, J. W. C. de **Comercialização agrícola no Estado de Sergipe.** Dissertação de Mestrado em Geografia. Núcleo de Pós –Graduação em Geografia (NPGeo/UFS). São Cristóvão, 2005. Disponível em: [http://bdtd.ufs.br/tde\\_arquivos/13/TDE-2009-05-27T090437Z-131/Publico/JOSE\\_WAGNER\\_COSTA\\_SANTANA.pdf](http://bdtd.ufs.br/tde_arquivos/13/TDE-2009-05-27T090437Z-131/Publico/JOSE_WAGNER_COSTA_SANTANA.pdf)  
Acesso: 27-04-2012

SANTOS, M. **Metamorfose do espaço habitado.** São Paulo: HUCITEC, 1994. p. 12.

SALGUEIRO, T. B.; CACHINHO, H.. **As relações cidade-comércio: dinâmicas de evolução e modelos interpretativos.** In. CARRERAS, Carles; PACHECO, Susana Mara Miranda, organizadores. Cidade e Comércio: a rua comercial na perspectiva internacional. Rio de Janeiro: Armazém das Letras, 2009.

SESSO FILHO, U. A. **Estratégias de Comercialização de Hortifrutis no Setor Supermercadista: estudo de casos.** Piracicaba, 1999. Dissertação (Mestrado em Ciências – Economia Aplicada). Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz/ Universidade de São Paulo.

SEABRA, O. C. L. **A insurreição do uso.** In: MARTINS, J. S. (org.). Henri Lefvre e o retorno à dialética. São Paulo: Hucitec, 1996.